

O negro na diáspora e as narrativas da colonização

Juliana Rodrigues¹
Sonia Maria dos Santos Marques²

Resumo: O texto apresentado aqui, é o recorte da dissertação de mestrado, defendida no programa de Educação da Unioeste-Francisco Beltrão. Teve como objetivo contribuir com discussões sobre a identidade do sujeito negro. Abordou processos de produção de identidades de um grupo de estrangeiros, oriundos de países do continente africano que desenvolvem atividades laborais em uma empresa de beneficiamento de frango em Francisco Beltrão, Paraná. Na investigação, selecionamos a metodologia de Estudo de Caso e usamos como instrumentos de coleta de informações as entrevistas narrativas e o registro em Diário de Campo. A totalidade do material coletado indicou a dificuldade em adentrar ao sistema cultural do Outro e, da mesma forma, a importância de tal procedimento para ver como se emolduram os processos de identidade e identificação na diáspora. Constatamos, também, que nesses novos espaços de circulação, os sujeitos interagem, negociam e atualizam concepções e ações de identidade.

Palavras-chave: Negro; Estereótipo, Identidade; Diásporas.

The black diaspora and narratives of colonization abstract

Summary: The text presented here is an excerpt from a master's thesis defended in the Education program at Unioeste-Francisco Beltrão. Its aim was to contribute to discussions about the identity of black individuals. It addressed the processes of identity formation of a group of foreigners from African countries who are employed in a poultry processing company in Francisco Beltrão, Paraná. In the investigation, we selected the Case Study approach and used narrative interviews and Field Diary entries as data collection instruments. The entirety of the collected material indicated the difficulty in entering the cultural system of the Other and, likewise, the importance of such a procedure to see how identity and identification processes are framed in the diaspora. We also found that in these new spaces of circulation, individuals interact, negotiate, and update conceptions and actions of identity..

Keywords: Black,; Stereotype; Identity; Diásporas.

Los negros en las narrativas de la diáspora y la colonización

Resumen: El texto presentado aquí es un extracto de la tesis de maestría, defendida en el programa de Educación de la Unioeste-Francisco Beltrão. Su objetivo era contribuir a las discusiones sobre la identidad del sujeto negro. Se abordó los procesos de producción de identidad para un grupo de extranjeros, provenientes de países del continente africano, que desempeñan actividades laborales en una empresa procesadora de pollos en Francisco Beltrão, Paraná. En la investigación se seleccionó la metodología de Estudio de Caso y se utilizaron entrevistas narrativas y registros de diarios de campo como instrumentos de recolección de información. La totalidad del material recolectado indicó la dificultad para ingresar al sistema cultural del Otro y, asimismo, la importancia de tal procedimiento para ver cómo los procesos de identidad e identificación se enmarcan en la diáspora. También encontramos que en estos nuevos espacios de circulación los sujetos interactúan, negocian y actualizan concepciones y acciones de identidad.

Palabras-clave: Negro; Estereotipo; Identidad; Diásporas.

1 Professora na Universidade Estadual do Paraná. Doutoranda em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: motta.julianarodrigues@gmail.com Orcid: [0000-0002-5049-2790](https://orcid.org/0000-0002-5049-2790).

2 Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: mrqs.sonia@gmail.com Orcid: [0000-0002-0865-9585](https://orcid.org/0000-0002-0865-9585).

Introdução

Falar sobre identidade remete a questões de alteridade e diferença. Os sujeitos só reivindicam suas identidades em relações binárias, ou seja, é no contato com o outro que essas identidades se manifestam com maior intensidade. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo analisar os processos de identidade e identificação vivenciados por um grupo de africanos residentes em Francisco Beltrão, Paraná. A escolha desse grupo se deu por dois critérios principais: primeiro, o étnico, já que todos relacionados a origem no continente africano; segundo o religioso, pois a religião não apenas influencia a vinda e a permanência desses indivíduos, mas também orienta seu trabalho e inserção nos espaços sociais. Para a análise dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e utilizadas em um diário de campo. Este último foi uma ferramenta útil na investigação, pois permitiu ao registrador imagens, falas e percepções que a entrevista, por si só, não conseguiu.

No decorrer do texto, serão apresentados trechos das entrevistas e suas conexões com autores que abordam questões de representações. Para ambas as reflexões foram atribuídas o mesmo peso: tanto os relatos dos sujeitos da pesquisa quanto as teóricas desempenharam um papel fundamental na construção da análise. Essa abordagem garantiu que a pesquisa não apenas se sustentasse academicamente, mas também dessem voz às experiências vividas pelos sujeitos.

Durante a investigação, buscou-se compreender a realidade em que os sujeitos vivenciavam no momento das entrevistas, foram consideradas todas as circunstâncias para base interpretativa, inclusive culturais, cuja subjetividade se construiu a partir da cultura a qual pertencem.

A identidade, nesse contexto, não é fixa ou estática, mas um processo dinâmico de construção e explicações, marcado pelo contato com diferentes referências culturais. Assim, a experiência migratória e a adaptação a um novo território influenciam diretamente a forma como esses indivíduos se percebem e são percebidos pelo outro.

Além disso, ao trazer as falas dos entrevistados em diálogo com os teóricos, a pesquisa permite uma análise mais aprofundada sobre como a identidade se manifesta na prática cotidiana. Os relatos revelam não apenas as dificuldades enfrentadas no processo de inserção social, mas também as estratégias utilizadas para manter vivas suas tradições e memórias afetivas.

Compreender esses processos de identidade e identificação contribuem para uma visão mais ampla das dinâmicas sociais que envolvem a imigração, a diversidade cultural e a interação

entre diferentes grupos. Através da escuta atenta e da reflexão crítica, é possível refletir sobre a riqueza dessas experiências e promover um debate mais inclusivo sobre pertencimento e representação.

Por fim, o deslocamento, as dificuldades na adaptação a um novo ambiente, o processo de sobrevivência da própria identidade e os estereótipos que essas são atribuídas — como o do negro incivilizado, do negro hipersexualizado ou do negro associado à criminalidade — emergiram com força ao longo da pesquisa. Essas representações, além de impactarem as relações cotidianas.

Novo lugar, velha colonização.

A diáspora foi, para os africanos escravizados, uma experiência terrível. Seus efeitos ainda estão presentes nos países colonizados, influenciando os discursos dos sujeitos, a construção de suas identidades e a forma como a história é narrada. A relação historicamente entre o mundo eurocêntrico e os povos africanos mantém uma dívida eterna. Se, por um lado, o sistema escravocrata foi alimentado por interesses econômicos e produziu estereótipos, desigualdades sociais e impactos emocionais profundos, além de negar inúmeras oportunidades aos africanos e seus descendentes, por outro lado, também impulsionou a reflexão crítica e teórica sobre a diáspora. Esse contexto permitiu o surgimento de intelectuais que analisaram suas causas e consequências como uma categoria fundamental de estudo.

Para a nossa pesquisa, recorreremos a pensadores que viveram a diáspora e que, a partir de suas experiências, elaboraram conhecimentos importantes. Ao afirmarmos que esse processo impulsionou a produção de conhecimento, não estamos ignorando o fato de que a diáspora foi, antes de tudo, um resultado da expropriação violenta imposta pelos países europeus aos territórios africanos, pois ocorreu num contexto de dominação e exploração, marcada pela posição proposta e pela negação de direitos fundamentais. No entanto, a partir desse cenário de opressão, emergiram críticas e epistemologias próprias, que ressignificaram essa experiência e trouxeram a voz das narrativas.

Suas obras não apenas denunciam as injustiças do passado, mas também fornecem instrumentos para a luta contra as desigualdades que persistem até hoje. Dessa forma, estudar a diáspora é também um ato de resistência e valorização das vozes que foram historicamente silenciadas.

Durante a pesquisa, o intelectual que mais dialogou com o cotidiano percebido foi Frantz Fanon (2008), psiquiatra diaspórico, filósofo e ensaísta marxista nascido na Martinica, de

ascendência francesa e africana. Engajado na luta pela independência da Argélia, Fanon tornou-se um dos pensadores mais influentes do século XX no debate sobre a descolonização e os impactos psicológicos da colonização. Sua obra teve um impacto profundo nos estudos culturais, trazendo contribuições fundamentais para a compreensão das dinâmicas de opressão, resistência e estruturas identitárias dos povos colonizados.

Na leitura do conjunto das entrevistas, torna-se evidente a atualidade das palavras de Fanon (2008) em *Pele Negra, Máscaras Brancas*³. Sua análise sobre os impactos psicológicos do colonialismo e da racialização continua a ressoar fortemente, revelando-se essencial para compreender as complexidades da identidade na diáspora. Suas reflexões não apenas ecoam nas experiências relatadas, mas também parecem operar um processo de tradução e ressignificação, ajudando a interpretar as dinâmicas de alienação, resistência e permanência do sujeito diaspórico. Dessa forma, sua obra continua a ser um referencial teórico fundamental para analisar os efeitos do colonialismo e os desafios da emancipação identitária.

Enquanto as entrevistas eram realizadas, parecia que o tempo dos escritos de Fanon e as falas dos entrevistados se cruzavam continuamente. Nas afirmações, transpareciam angústias e questionamentos profundos.

A pergunta “*o que quer o homem negro?*”, proposta por Fanon (2008), ecoava nas falas dos assuntos: o sofrimento pela interrupção de um romance devido aos estereótipos sobre a sexualidade do homem negro, as reações e comentários despertados por sua simples presença nas ruas da cidade, as relações ambíguas que oscilam entre atração e estranhamento. Um verdadeiro retrato do processo de colonização.

O deslocamento humano não é um assunto exclusivo deste momento histórico; ao longo do tempo, ele tem ocorrido sob as mais variadas situações. Encontramo-lo em diferentes temporalidades, associadas a situações como guerras, instabilidades políticas, disputas entre grupos interétnicos, desastres naturais ou provocados pela ação humana, além da precariedade econômica, entre outras razões.

Esses movimentos solicitados ou voluntários moldam profundamente as trajetórias individuais e coletivas, influenciando pertencimentos e relações sociais. Quando questionados sobre os motivos de suas deslocamentos, os entrevistados ofereceram respostas que ajudaram a

³ Neste livro, Fanon (2008) examina a negação do racismo contra o negro na França. É um clássico do pensamento sobre a diáspora africana, sobre a descolonização, a arquitetura psicológica, a teoria das ciências, a filosofia e a literatura caribenha. Analisa o axioma que causou grande turbulência nas décadas de 1960 e 1970 e como a ideologia que ignora a cor pode apoiar o racismo que nega.

compreender, evidenciando tanto os desafios enfrentados quanto às estratégias de resistência e superestruturas em novos territórios.

Nós viajamos, todos nós estrangeiros, ou a maioria dos estrangeiros, não posso falar que todos, mas como já vivo aqui, já conheci mais de cem estrangeiros que já passaram aqui, todos estão aqui pra conseguir uma vida melhor. Para sair de uma situação ruim no seu país. Se ele chegar, e as coisas não estiverem boas, eles partirão, ele procura outro lugar pra ir, onde vai ter uma vida melhor (Shaaid, 08/01/2016).

Ainda, segundo Shaahid “quando não está bem em nossa casa, a gente muda”. A casa referida pelo entrevistado é o país, os deslocamentos são reflexos de situações “ruins”, como disse o entrevistado: o ruim é a miséria, o medo, as frustrações, inseguranças quanto ao futuro, guerras, entre outros motivos que levam indivíduos a deixar seu país de origem.

É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades, os legados do Império em toda parte podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão (Hall, 2013, p. 31).

O termo espalhamentos foi cunhado por Hall (2013)⁴ se refere à dispersão e aos deslocamentos, normalmente forçados ou incentivados de um povo, ou de sujeitos para outros países, este termo é o que dá início ao conceito que utilizamos de diáspora.

A ideia de diáspora oferece uma alternativa imediata à disciplina severa do parentesco primordial e do pertencimento enraizado. Ela rejeita a noção popular de nações naturais espontaneamente dotadas de uma consciência de si próprias composta meticulosamente por famílias uniformes; ou seja, aqueles conjuntos intercambiáveis de corpos ordenados expressam e reproduzem culturas distintas em absoluto, assim como pares heterossexuais formados com perfeição. como alternativa à metafísica da “raça”, da nação e da cultura delimitada e codificada no corpo, a diáspora é um conceito que problematiza a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Ela perturba o poder fundamental do território na definição da identidade ao quebrar a sequência simples de elos explanatórios entre lugar, localização e consciência (Gilroy, 2001, p. 151).

⁴ Na perspectiva de Stuart Hall, (2013) sobre a diáspora se fundamenta no conceito do “deslocamento”, fenômenos cujo efeito e consequências podem ser experimentados, inclusive, sem que o sujeito viaje ou saia de casa. Hall (2013) se refere há um conceito mais ontológico do ser deslocado e, para tanto, toma como uma das características da diáspora moderna, o “unheimlichkeit” heideggeriano. Ou seja, o sentimento que o sujeito experimenta de “não estar em casa”.

O sujeito da diáspora encontra-se em constante movimento, tanto físico quanto simbólico, e suas reconstruções identitárias mesclam-se a outras performances, dando origem a identidades híbridas e dinâmicas. Esse processo não se limita a uma composição racial mista, mas diz respeito a uma tradução cultural contínua, na qual ocorrem negociações e ressignificações permanentes. A identidade, nesse contexto, não é estática, mas fluida, atravessada por múltiplas influências e reconfigurada a partir de novas experiências e interações.

Assim, desestabilizam-se os modelos fixos de identidade cultural previamente estabelecidos pelo sujeito do Iluminismo, que concebem a identidade como algo essencialista e imutável. Não há lugar para assuntos fixos ou para pertencimentos cristalizados; em vez disso, há um campo de disputas, atravessado por diálogos, tensões e recriações.

Essa constante manifestação reflete tanto a resistência quanto a adaptação do sujeito diaspórico diante dos desafios impostos pelos contextos nos quais está inserido, reafirmando sua capacidade.

Ao nos aproximarmos do pensamento de Hall (2013) dos achados da pesquisa, percebemos que os movimentos diaspóricos investigados não se limitam apenas a fatores econômicos ou políticos, mas também envolvem questões religiosas. A religião surge como um elemento central no processo de deslocamento, funcionando não apenas como um fator de identidade e pertencimento, mas também como um mecanismo que facilita a inserção social e econômica dos migrantes.

Para esses sujeitos as redes religiosas desempenham um papel crucial na busca por oportunidades de trabalho, oferecendo apoio comunitário e fortalecendo laços de solidariedade. Dessa forma, o destino da diáspora acaba sendo profundamente inspirado pela dimensão religiosa, que não apenas estimula a vinda ao Brasil, mas também contribui para a adaptação e a permanência das identidades dos migrantes e fornece uma ferramenta importantíssima, o trabalho.

Os entrevistados atravessam experiências diaspóricas em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias. Francisco Beltrão surge como um dos pontos de chegada, mas também de partida constante, caracterizando-se como um espaço de fluxos migratórios dinâmicos. A presença de uma empresa de abate *halal*, que emprega praticantes da religião islâmica, torna-se um fator determinante nesse movimento, atraindo muitos homens para a região em busca de trabalho e melhores oportunidades.

O termo *dispersar*, derivado do grego *speiro*, significa disseminar e semear, sendo historicamente utilizado para descrever a dispersão de um povo pelo mundo. Essa noção de dispersão é central para Stuart Hall (2003), que utiliza o conceito de diáspora para teorizar a formação identitária dos povos colonizados na África e espalhados globalmente.

Para Hall (2003, p. 25-26), “a questão da diáspora é colocada principalmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades”, evidenciando como esses deslocamentos não apenas redefinem identidades, mas também revelam as intrincadas relações entre cultura, pertencimento e resistência.

Nesse sentido, usamos o termo diáspora para nos referirmos a uma mobilidade forçada, motivada pela busca de melhores condições de vida. A religião, nesse contexto, desempenha um papel fundamental no local de destino, uma vez que, no Brasil, temos muitas empresas de abate halal. Dessa forma, os migrantes não escolhem vir para o Brasil por uma simples questão de preferência, mas sim por necessidades ligadas à sobrevivência e ao trabalho. Este é o indivíduo diaspórico, cuja identidade é reconstruída constantemente entre o seu local de origem e o espaço em que se insere.

Neste caso, é essencial compreender a importância dos Estudos Culturais, um campo teórico que se desenvolveu a partir dos estudos pós-coloniais. Essas perspectivas estão associadas à experiência de teóricos e intelectuais que deixaram os seus países de origem para viver em colônias europeias, refletindo sobre os impactos da colonização na formação das identidades. O estudo das diásporas permite evidenciar as situações de marginalização que os povos anteriormente colonizados sobreviveram e ainda sofrem, bem como a forma como as relações raciais e culturais permanecem enraizadas nos discursos do colonizado e do colonizador.

Os sujeitos diaspóricos enfrentam a difícil tarefa de equilibrar a preservação de suas raízes culturais com a necessidade de adaptação a um novo contexto. Esse processo, muitas vezes, resulta na criação de identidades híbridas, onde elementos da cultura de origem se entrelaçam com os da sociedade de acolhimento, promovendo novas formas de pertencimento e resistência.

O fluxo migratório não ocorre de maneira isolada, mas sim como reflexo das dinâmicas econômicas, políticas e históricas que perpetuam posições entre nações e nações. Assim, compreender a diáspora é essencial para questionar as estruturas de poder que influenciam a mobilidade humana e as relações interculturais na contemporaneidade.

Na diáspora, a diferença é parte constitutiva do sujeito e demarca a sua alteridade, fazendo com que ele carregue em si o efeito de ser sempre o outro, distintos daqueles que são considerados iguais. Como afirma Hall (2013, p. 52), “o jogo da semelhança e da diferença está transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, que é a trajetória de um povo moderno e uma cultura moderna”.

As esferas que abordam o discurso colonial e os estudos culturais evidenciam as assimetrias nas relações sociais e demonstram como as diferenças são racializadas e instrumentalizadas para subjugar determinados grupos. Esse processo ocorre por meio de um

conjunto de ideias que envolvem cor, território, distribuição de trabalho, religião, entre outros fatores, reforçando posições e dispositivos de exclusão. Sobre essa questão, é emblemática a fala de Fulano ao descrever a experiência de ser estrangeiro e negro em um país colonizado, onde o discurso eurocêntrico é adotado como modelo de emancipação.

[...] mas assim na rua, claro, tem pessoas que você encontra e ela fica te olhando, e a pessoa quando te olha, ela olha por três motivos: ela olha porque você é feio, ela olha porque ela gosta de você ou ela te olha porque você é negro, por exemplo. Se você está num país de negros ele olha para você é porque você é feio ou bonito ou por que você tem outra pele (Fulado, 17/12/2015).

Fanon (2008) antecipa a fala de Fulano e expressa a mesma ideia do entrevistado, ainda que em outras palavras, ao descrever o sentimento de deslocamento e estranhamento vivenciado por aqueles que se encontram em um espaço onde não são reconhecidos como pertencentes. Esse sentimento de exclusão vai além da simples diferença cultural, pois está intrinsecamente ligado a um passado colonial que impôs posições raciais e sociais.

O sujeito negro, nesse contexto, não é apenas um estrangeiro no sentido geográfico, mas também no simbólico, sendo constantemente lembrado de sua posição marginalizada. Assim, a percepção de Fanon reforça a ideia de que a identidade do indivíduo diaspórico é atravessada por um processo contínuo de negociação entre pertencimento e excluído, evidenciando como as estruturas coloniais ainda influenciam a forma como certos corpos são vistos e tratados na sociedade.

[...], mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um, outro eu (Fanon, 2008, p.103).

A alocação de Fulano (2015) exemplifica a forma como o homem negro e estrangeiro se percebe e percebido pelo olhar do outro, revelando as dinâmicas de identidade e alteridade que marcam sua experiência. Em sua fala, há tanto um ato de resistência quanto uma denúncia. A resistência manifesta-se na recusa ao binarismo reducionista de ser categorizado como belo ou feio com base em estereótipos raciais. Já a denúncia evidencia a forma como sua presença é filtrada pela cor da pele, indicando que, se fosse branco, talvez fosse alvo desse tipo de julgamento. Essa observação ressalta como a racialização do olhar reforça estruturas coloniais de poder, perpetuando a exclusão e a marginalização do sujeito negro. Além disso, a análise de sua fala

permite compreender como o reconhecimento social ainda está profundamente marcado por padrões eurocêntricos, que determinam quem é visível e quem é invisibilizado nos espaços de convivência.

Fulano (2015), ao afirmar “Ou porque você é negro”, evidencia como a vivência da pele negra molda as relações interpessoais e as representações sociais sobre racialização. A experiência do sujeito negro é atravessada por estruturas que o posicionam como o "outro", tornando sua identidade um marcador constante nas interações cotidianas. O novo lugar de vida não apaga os velhos discursos; pelo contrário, reforça e reconfigura as narrativas que sustentam desigualdades históricas.

O entrevistado expressa seu sentimento de exclusão e revela um discurso que, embora não esteja escrito, está inscrito nos olhares e nas atitudes daqueles que o cercam. Esse olhar não é neutro, mas carrega um julgamento pré-estabelecido, reproduzindo a lógica colonial que associa identidade racial à posição social. Dessa forma, a fala de Fulano não apenas denuncia essa realidade, mas também amplia a discussão sobre como os corpos negros continuam a ser lidos e interpretados dentro de estruturas de poder excludentes.

Nessa dinâmica, é subsumido o processo de construção do lugar do sujeito. Neste contexto, por vezes há a afirmação de discursos sem que os aspectos basilares desta construção sejam questionados. O discurso sobre o sujeito segundo Foucault (1996), não é o que é dito em palavras, mas tudo que possa representar verdades sobre tal assunto ou tal sujeito, assim como a construção desse sujeito estereotipado construído ainda no Imperialismo e Colonialismo, que possui uma produção de verdades sobre o outro, que ainda permanece em movimento.

O discurso produz e define nossos conhecimentos, governa e direciona nossas ações, desta maneira orienta a maneira de pensar sobre o outro, também de racializar o outro e, da mesma forma, o discurso exclui e inclui modos de ser, de pensar e de agir. O conhecimento sobre si é uma maneira de saber construída pelos discursos coloniais, os saberes de si presumem o olhar do Outro pela cor da pele marcam os lugares que estes sujeitos foram produzidos.

Ainda sobre esta questão, Bhabha (2007, p. 76) comenta que o que está em jogo “não é o eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial”. É esta distância que intriga; a proximidade física não tem o poder de produzir esclarecimentos sobre as relações nas quais os sujeitos estão envolvidos.

Entre os entrevistados, percebemos que muitos pretendem chegar à Europa como destino final. Os relatos demonstram e evidenciam o desejo de viver na Europa como forma de fazer parte daquela cultura. Suas falas indicam que a Europa vive em seus pensamentos, comporta um estágio

superior de desenvolvimento: “todos eles, não têm nenhum que vem para o Brasil, que o destino é o Brasil, todos querem ir para Europa” (Muhammad 28/12/2015). É interessante considerar que:

Existe uma espécie de enfeitiçamento à distância, e aquele que parte por uma semana com destino à metrópole cria em torno de si um círculo mágico onde as palavras Paris, Marselha, La Sorbonne, Pigalle, são pedras fundamentais (Fanon, 2008, p. 38).

Este pensamento eurocêntrico é parte de um processo que produziu uma perspectiva de conhecimento e formas de produzir estes conhecimentos que representam um padrão mundial, ao qual chamamos de Eurocentrismo⁵ Trata-se aqui de uma racionalidade de conhecimento que torna o restante do mundo colonizado e inferiorizado perante a Europa ocidental.

Sobre a questão, Muhammad (2015) afirmou “o destino do estrangeiro é Europa, o estrangeiro vem para o Brasil para fazer escala, porque o estrangeiro sabe que a melhor vida está na Europa”. Este olhar ao mundo europeu com idolatria se dilui na realidade, pois trata-se da ideia de que a Europa é o centro da cultura do mundo, serve como modelo educacional, social, político, entre outras coisas. Permanecem no Brasil os estrangeiros que são impedidos de adentrar no mundo europeu, por dificuldades documentais, por questões de imigração ou dificuldade de conseguir visto permanente nestes países.

Percebe-se, então, que o desejo do imigrante é estar diante da cultura Europeia, não sendo possível, acabam estruturando-se temporariamente no Brasil, mas este não é um simples desejo a priori é um desejo naturalizado e construído na composição colonial de ser e pertencer à cultura do colonizador.

Considerações finais

As questões de identidade cultural tornaram-se temas centrais na área da educação, especialmente sob as perspectivas do multiculturalismo e do conceito de diferença. Escrever uma pesquisa em educação voltada para a identidade muitas vezes resulta em incompreensão por parte de pesquisadores que restringem o conceito de educação à esfera escolar. Essa visão reducionista contribui para a perpetuação da ideia de que a educação está estritamente vinculada a uma

⁵ Trata-se da ideia de que a Europa é o centro da cultura do mundo, serve como modelo educacional, social, político, entre outras coisas.

instituição formal, negligenciando as vivências e processos formativos que ocorrem em diversos outros espaços sociais.

Ao fixar a educação apenas na escola, o sujeito é frequentemente deixado de lado, evidenciando como essa concepção ainda é limitada para muitos educadores. No entanto, ao abordar sujeitos diaspóricos que traçam novas rotas e constroem novas narrativas, percebemos que a identidade cultural é um processo dinâmico, em constante transformação. Essa dinâmica desafia a ideia de culturas fixas e demonstra que todo sistema social e cultural pode ser negociado e ressignificado. Dessa forma, a produção educativa ultrapassa os limites da escola e se manifesta na interação entre sujeitos e contextos diversos.

Nesse sentido, a produção educativa também está presente nos processos de adaptação e ressignificação cultural que os migrantes enfrentam ao se inserir em novas sociedades. Para se integrar a um novo meio, o sujeito passa por um processo educativo que envolve aprendizado, negociação de valores e reconstrução de identidades. A pesquisa realizada trouxe à tona essa dimensão ao abordar os processos educativos vinculados ao poder de ressignificação proporcionado pela religião. O cuidado de si emerge como um instrumento fundamental na construção subjetiva do indivíduo no "estar-junto", permitindo uma reconstrução identitária baseada na autopercepção e no reconhecimento do outro.

Através dessa perspectiva, a investigação possibilitou um olhar mais atento sobre os sujeitos diaspóricos, desmistificando discursos fixados que foram absorvidos ao longo da história e enraizados no imaginário coletivo. O contato com esses sujeitos revelou que a identidade não é um conceito estático, mas um campo de disputa, transformação e resiliência. Essa compreensão ampliada permite um reposicionamento do papel da educação na sociedade, reconhecendo-a como um processo que se estende para além dos muros da escola e que se reflete nas experiências de vida, nas interações cotidianas e na formação identitária dos indivíduos.

Dessa forma, a educação deixa de ser vista apenas como transmissora de conhecimentos formais e passa a ser compreendida como um processo vivo e dinâmico, fundamental na construção das subjetividades. O reconhecimento da educação como um espaço plural possibilita a valorização de narrativas diversas e promove a reflexão sobre como diferentes grupos sociais podem contribuir para uma sociedade consciente das suas próprias complexidades culturais.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo horizonte: UFMG. 2007. BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2003.

CARDOSO, Cláudia Raquel Espinha. **Diáspora E Regresso, os imigrantes luso-angolanos no Brasil**. Dissertação de Mestrado em sociologia. São Paulo 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3º ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.
CRITELLI. D.M. Todos nós... Ninguém: um enfoque fenomenológico do social. Martin

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DORNELES, Malvina do Amaral. **O sensível e a sensibilidade à pesquisa em educação**. Org. Débora Alves Feitosa. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

FRANCISCO, Marli. **África-Brasil: percursos escolares de estudantes angolanos**. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Sociedade, Estado e Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR. 2014. 99 fl.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro, 2001.

GUEDES, Peonia V. Representando temáticas e estratégias póscoloniais: três ensaios sobre literatura e cultura caribenhas. In: **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 8, n. 2, p.51-55, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: ed. Lamparina. 2006.

RODRIGUES, J. (2017). **Africanos em Francisco Beltrão: A identidade na diáspora**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Repositório de Teses e Dissertações da Unioeste.

ROESCH, Isabel Cristina Correa. **Docentes Negros: Imaginários, Territórios e Fronteiras no Ensino Universitário**. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS.2014. 256 fls.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Diáspora como Movimento Social: A red de mujeres afrolatinoamericanas, afrocaribenãs y de La diáspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional**. Tese de Doutorado em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2012. 237fls.

Recebido em 16/01/2025. Aprovado em 30/04/2025